

## O uso do diminutivo *inho* e suas possíveis significações pelo viés da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) e da Linguística Formal

*El uso del diminutivo inho y sus posibles significados bajo la teoría de los Bloques Semánticos (TBS) y de la Lingüística Formal*

Fabiana Soares da Silva 

Instituto Federal do Sul – IFSUL – Rio Grande do Sul – Brasil

Cristiane Dall’Cortivo Lebler 

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Santa Catarina – Brasil

---

**Resumo:** Grande parte das palavras da língua portuguesa são formadas a partir do acréscimo de sufixos aumentativos e diminutivos. Conforme Prade (2013), o português é bastante rico no que se refere à formação sufixal, totalizando 22 sufixos diminutivos, sendo que *inho* e *zinho* são os mais recorrentes pelo fato de serem facilmente acrescidos a palavras invariáveis como substantivos, adjetivos e advérbios. Sob a ótica da gramática normativa, palavras como “*carrinho*”, “*jantinha*”, “*festinha*”, “*favorzinho*”, “*mãezinha*”, por exemplo, podem ser consideradas como semelhantes pela simples razão de serem formadas a partir do acréscimo do sufixo diminutivo. Todavia, nem sempre esse sufixo indica apenas noção de tamanho. Tendo em vista essas questões, neste estudo, analisou-se como a crônica *Diminutivo*, de Luís Fernando Veríssimo (1994), é construída argumentativamente. Para tanto, foram selecionados cinco enunciados da referida crônica, por meio das quais pode-se observar possíveis significações que algumas palavras, derivadas do sufixo *inho* e suas variantes, podem receber de acordo com o contexto em que são empregadas. Logo, utilizou-se como fundamentação teórica algumas das postulações da Linguística Formal e da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), teoria proposta por Marion Carel e Oswald Ducrot (1992). Para os referidos autores, todo sentido é argumentativo, cuja efetivação ocorre na e pela língua, o que significa dizer que somente o discurso é portador de sentido. De modo geral, a análise do *corpus* demonstrou que o diminutivo *inho* e suas formas variantes podem transmitir muito mais do que a ideia de tamanho, podendo também expressar diferentes sensações, sentimentos e intenções.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa, derivação, sufixos diminutivos, Teoria dos Blocos Semânticos, Linguística Formal.

**Resumen:** Gran parte de las palabras de la lengua portuguesa se forman a partir de la adición de sufijos aumentativos y diminutivos. Conforme Prade (2013), el portugués es bastante rico en lo que se refiere a la formación de sufijos, totalizando 22 sufijos diminutivos, siendo que *inho* y *zinho* son los más recurrentes por el hecho de ser fácilmente acrescidos a palabras invariables como sustantivos, adjetivos y adverbios. Bajo la óptica de la gramática normativa, palabras como “*carrinho*”, “*jantinha*”, “*festinha*”, “*favorzinho*”, “*mãezinha*”, por ejemplo, pueden ser consideradas como semejantes por la simple razón de ser formadas a partir de la adición del sufijo diminutivo. Todavía, no siempre ese sufijo indica solamente noción de tamaño. Al tener en cuenta esas cuestiones, en este estudio, se analizó como la crónica *Diminutivo*, de Luís Fernando Veríssimo (1994), está construida argumentativamente. Para tanto, se seleccionaron cinco enunciados de la referida crónica, por medio de las cuales se puede observar posibles significaciones que algunas palabras, derivadas del sufijo *inho* y sus variantes, pueden recibir de acuerdo con el contexto en que se las emplean. Luego, se utilizó como fundamentación teórica algunas de las postulaciones de la Lingüística Formal y de la Teoría de los Bloques Semánticos (TBS), teoría propuesta por Marion Carel e Oswald Ducrot (1992). Para los referidos autores, todo sentido es argumentativo, cuya efectuação ocurre en la y por la lengua, lo que significa decir que solamente el discurso es portador de sentido. De modo general, el análisis del *corpus* demostró que el diminutivo *inho* y sus formas variantes pueden transmitir mucho más que la idea de tamaño, pudiendo también expresar diferentes sensaciones, sentimientos e intenciones.

**Palabras claves:** Lengua portuguesa, derivación, sufijos diminutivos, teoría de los bloques semánticos, lingüística formal.

## 1 Introdução

Grande parte das palavras da língua portuguesa advém de processos gramaticais como a derivação. Nesse sentido, pode-se dizer que a referida língua possui um número abundante de prefixos e sufixos, o que contribui para a formação de novas palavras e, por consequência, para o enriquecimento vocabular dos usuários. Muitas dessas novas palavras são formadas a partir do acréscimo de sufixos aumentativos e diminutivos. De acordo com Prade (2013, p. 85), “a Língua Portuguesa é um exemplo típico de língua que possui rica formação sufixal (22 sufixos diminutivos)”, sendo que, segundo a autora, *inho* e *zinho* são os mais recorrentes pelo fato de serem facilmente acrescidos a palavras invariáveis como substantivos, adjetivos e advérbios.

No que se refere à tradução, Prade (2013) constatou que a diversidade sufixal da língua portuguesa pode dificultar a tradução de algumas palavras derivadas para línguas como o inglês e o alemão, por exemplo, já que nem sempre há termos equivalentes nessas línguas. Por conseguinte, muitos tradutores precisam recorrer a outros recursos linguísticos como forma de compensação, visando a aproximar-se o máximo possível do conteúdo e dos sentidos presentes na obra original. Somado a essa dificuldade, pode-se destacar o fato de que alguns desses sufixos não se limitam a expressar apenas valor de tamanho (pequeno ou grande), como muitas gramáticas tradicionais ainda insistem em afirmar.

Se, por um lado, nem todas as línguas possuem uma variedade tão grande de sufixos, por outro, corriqueiramente, os brasileiros costumam utilizar expressões como “bater uma *bolinha*”, “fazer uma *jantinha*”, “pedir um *favorzinho*”, “visitar sua *vozinha*”, “dar uma *festinha*”, “passear com o seu *cachorrinho*”, “lavar o seu *carrinho*”, e “voltar pra sua *casinha*”, entre outras. Sob a ótica da gramática normativa, pode-se dizer que as palavras destacadas possuem um aspecto em comum: todas são formadas a partir do acréscimo do sufixo *(z)inho/(z)inha*. Todavia, conforme é possível observar, nem sempre

os sufixos diminutivos indicam apenas noção de tamanho. Isso significa dizer que o sufixo *inho* e suas formas variantes, quando acrescidos a terminadas palavras, podem expressar diferentes sensações, emoções, desejos, pensamentos, intenções e assim por diante.

Levando em consideração as questões apresentadas, neste trabalho, pretende-se analisar como se estruturam os argumentos presentes na crônica *Diminutivo* (Anexo), de Luís Fernando Veríssimo (1994). Para tanto, utilizou-se como fundamentação teórica algumas das postulações advindas da Linguística Formal e, como fundamento teórico, a Teoria da Argumentação na Língua (doravante TAL), mais especificamente a sua terceira fase, intitulada como Teoria dos Blocos Semânticos (doravante TBS), proposta por Oswald Ducrot e Marion Carel (1992). De acordo com a TAL, todo sentido é argumentativo, cuja efetivação ocorre *na e pela língua*, o que significa dizer que somente o discurso é portador e doador de sentido (DUCROT, 2005).

Tendo em vista que a descrição do sentido deve apoiar-se no que é linguístico, foram extraídos cinco enunciados da referida crônica, os quais comporão o *corpus* deste estudo e permitirão observar possíveis significações que algumas palavras, derivadas pelo acréscimo do sufixo *inho* e suas formas variantes, podem receber de acordo com o contexto em que são empregadas. Ademais, também serão observadas as marcas linguísticas deixadas pelo locutor a fim de que o interlocutor/alocutário possa resgatar os possíveis sentidos a partir do discurso. Desse modo, os possíveis sentidos serão apresentados por meio de encadeamentos discursivos.

## 2 Aporte teórico

### 2.1. Breves considerações sobre Morfologia e seus desdobramentos

Etimologicamente, o termo *Morfologia* provém das formas gregas *morphê*, ‘forma’, e *logos*, ‘estudo’, sendo assim considerada como o “estudo da forma”.

De modo geral, pode-se dizer que “a morfologia refere-se aos padrões de formação de palavras com base em morfemas” (GUIMARÃES et al., 2014, p. 201). Os *morfemas*, por sua vez, podem ser definidos como “as menores unidades formadoras das palavras que possuem significado próprio” (HAGEN; MIRANDA; MOTA, 2010, p. 137). Segundo as pesquisadoras, os morfemas podem ser divididos de acordo com a posição que ocupam na palavra, o que resulta em duas grandes classes de morfemas: as *raízes* e os *afixos*.

Conforme Guimarães et al. (2014, p. 201, 202), “as raízes (morfemas lexicais ou lexemas) são portadoras da significação básica das palavras de um grupo lexical e constituem o núcleo comum das palavras do grupo”, enquanto que “os afixos, morfemas sem autonomia morfossintática, podem ser de dois tipos: prefixos, quando adicionados antes da raiz, ou sufixos, quando adicionados depois da raiz”, classes que outros pesquisadores preferem chamar de “flexão” e “derivação”, como se verá nas próximas subseções.

### 2.1.1. Morfologia flexional

Pode-se dizer que os morfemas flexionais “só podem aparecer no final da palavra. Eles alteram o morfema lexical (ou raiz) para que este se adapte ao contexto sintático da palavra” (GUIMARÃES et al., 2014, p. 202). De acordo com Gonçalves (2011, p. 6), “em linhas gerais, a flexão tem sido definida como processo morfológico regular, aplicável em larga escala e sem qualquer possibilidade de mudança na categorização lexical das bases”. Para a perspectiva estruturalista, por exemplo, os morfemas flexionais são sempre “relevantes para a sintaxe, pois estão envolvidos no mecanismo de concordância” (SCHWINDT, 2014, p. 117), ao passo que a abordagem gerativa sustenta que muitas palavras flexionadas e palavra novas se formam sem que seja necessário atribuir a elas prefixos ou sufixos.

Dito de outra maneira, é possível afirmar que “os morfemas *flexionais* “fletem”, ou alteram, os morfemas lexicais, adaptando-se à expressão das

categorias gramaticais que a sua classe admite” (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2012, p. 39, grifo das autoras). Nesse sentido, “noções gramaticais muito diferentes são expressas através da flexão verbal em Português” (ibid, p. 79). Isso significa que os morfemas flexionais podem:

ser acrescentados a substantivos e adjetivos para flexionar o gênero (masculino e feminino, como em *menin-o* e *menin-a*), o grau (diminutivo e aumentativo, como em *menin-inh-o/menin-ão*) e número (singular e plural, como em *menino* e *menino-s*), mas também a verbos, para flexioná-lo em termos de modo (a atitude de certeza, incerteza, impossibilidade, solicitação etc) e tempo (em que ocorre a ação verbal), além de número (singular e plural) e pessoa (o sujeito do enunciado da ação verbal) (GUIMARÃES et al., 2014, p. 202, grifo das autoras).

É importante salientar que alguns estudiosos como Souza-e-Silva e Koch (2012, p. 43, grifo das autoras) criticam o fato de as gramáticas incluírem os “morfemas caracterizadores de grau, *aumentativo* e *diminutivo*, como flexionais”, pois, de acordo com as linguistas, “trata-se, na realidade, de um processo derivacional”, o que explica o fato de “*inho*” e “*ão*” serem considerados, em muitos casos, como sufixos e não como desinência nominal, por exemplo. Sendo assim, neste artigo, os morfemas diminutivos são classificados como sufixos, independentemente de filiações teóricas.

### 2.1.2. Morfologia derivacional

Se por um lado, na morfologia flexional, apenas criam-se formas tendo como base uma mesma palavra, “na derivação criam-se novas palavras a partir de uma raiz” (SCHWINDT, 2014, p. 117). Além de possibilitar a criação de novas palavras, os morfemas derivacionais também se diferenciam dos flexionais por não obedecerem a uma sistematização obrigatória (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2012, p. 41).

Os morfemas derivacionais podem ser divididos em *prefixos* e *sufixos*. Os primeiros são acrescentados ao início de uma dada palavra (ex. *infeliz*), enquanto os últimos são alocados no final das

palavras (ex. *felizmente*), o que, além de alterar o sentido do morfema lexical *feliz*, também modifica a sua classe gramatical. Logo, ainda que os afixos derivacionais sejam responsáveis pela formação de novas palavras e, mesmo que tenham uma forte relação com a semântica, esses elementos linguísticos também mantêm relação com a sintaxe, à medida que “o morfema derivacional pode modificar, além do sentido, a classe gramatical da palavra”. (GUIMARÃES et al., 2014, p. 202), transformando, o adjetivo *feliz* em advérbio de modo (*felizmente*), ou, ainda, em substantivo, no caso de sua palavra derivada *felicidade* (SOARES, 2016)

Vale destacar que existem mais dois tipos de derivação, uma vez que é possível formar palavras com o acréscimo de prefixos e sufixos (ex. *infelizmente*), o que não impede a retirada de algum desses elementos, posto que esses são independentes. Em contrapartida, na derivação parassintética, necessita-se de um “acréscimo *simultâneo* ao morfema lexical (ex. *entardecer*, *esfarelar*, etc.)” (SOUZA-E-SILVA; KOCH, 2012, p. 52-53, grifo das autoras). Nesse caso, se algum desses elementos for retirado, a palavra deixará de existir, o que resultaria em termos agramaticais, tais como “\*tardecer” ou “\*entarde”. Neste estudo, por sua vez, se trabalhará apenas com palavras formadas pelo acréscimo do sufixo *inho* e suas formas variantes.

## 2.2. Algumas reflexões acerca do diminutivo *inho* e suas formas variantes

Conforme mencionado, a língua portuguesa dispõe de mais vinte morfemas sufixais diminutivos, os quais, muitas vezes, podem atribuir diferentes significações a determinadas palavras. Assim sendo, pode-se dizer que “os diminutivos emitem, juntamente com a ideia de pequenez, ideias de carinho, ternura, afetividade ou mesmo desprezo (PRADE, 2013, p. 85). Ainda de acordo com a autora, essa multiplicidade de valores significativos pode deixar o tradutor em dúvidas, podendo levar a interpretações errôneas. Para chegar a essa conclusão, a

pesquisadora analisou duas traduções, uma em inglês e outra em alemão, da série literária *O Tempo e O Vento*, volume *O Continente*, de Érico Veríssimo (1977).

À guisa de exemplificação, serão mencionados alguns dos fragmentos analisados por Prade (2013), e as respectivas classificações que a autora propôs em sua pesquisa. Nas passagens “E ali (...) debaixo da *cascatinha* já não podia acreditar que era chefe de família p. (275)” e “Capitão, (...) Sua *Filhinha* está muito mal. O *coraçõzinho* dela não está batendo mais (p. 285)”, extraídas da obra de Veríssimo (1977), por exemplo, é possível observar que os sufixos diminutivos foram utilizados para expressar apenas valor de tamanho (pequeno). Embora os vocábulos “*filhinha*” e “*coraçõzinho*” possam ser interpretados como tendo um valor afetivo (com ternura), nesse caso, tal interpretação não se aplica, já que se está falando a respeito de uma criança.

Por outro lado, nos fragmentos “Eu quero só ver a *carinha* dela (p. 165)”, “Pegue uma *florzinha* e veja que maravilha, que delicadeza... (p. 205)”, “Eu dava metade da vida pra ter agora um *cigarrinho* de palha (p.164)” e “Atirar contra o Sobrado era o mesmo que atirar contra a *velhinha* (p. 8)”, pode-se observar que as palavras destacadas recebem uma valoração afetiva, em termos como *carinha*, e delicada, quando se diz *florzinha*. Contudo, o termo *velhinha* não se refere necessariamente a uma pessoa de estatura baixa, mas sim a uma pessoa idosa e que é benquista. Desse modo, especificamente nesse caso, o sufixo *inha* pode atribuir tanto um valor afetivo quanto um valor superlativo, posto que esse também intensifica a palavra “velha”. Ou seja, chamar uma pessoa de “velhinha”, além de transmitir um sentimento de afetividade, pode também significar que a pessoa é “muito velha”.

Já nos excertos “Consegui umas *terrinhas* perto do campo dele (p. 128)” e “Querida empregar direito o *dinheirinho* que tenho e não sei bem o que vou fazer (p. 191)”, ainda que os termos *dinheiro* e *terras* possam ser classificados como elementos contáveis, com o emprego do diminutivo, esses

vocábulos acabaram recebendo um valor mais subjetivo nos contextos em que foram empregados, isto é, o que está em pauta não é quantidade de dinheiro e de terras que se tem, mas sim o que esses bens significam “sentimentalmente”.

No caso do fragmento “Quem diria, heim? Vá a gente se fiar nessas *santinhas*... (p. 601)”, por exemplo, observa-se que o termo “*santinhas*”, assim como costuma ser empregado nos dias atuais, recebe uma conotação mais irônica e depreciativa, sendo utilizado com a intenção de indicar justamente o contrário, o que explica a existência de frases como “de *santinha* não tem nada...”, presentes em situações de uso coloquial da língua.

Enquanto isso, nos excertos “(...) e quando a criança gemia à noite ela a ninava, cantando *baixinho* para não acordar os que dormiam (p. 113)” e “Tu vais ver como lá em cima da torre, *sozinho*, a gente fica com uma vontade danada de tocar o sino (p. 5)”, diferentemente dos demais, esses não possuem valores significativos específicos, mas sim a função de intensificar adjetivos e advérbios, dando lugar, segundo Prade (2013), à ideia de reforço e de intensificação e, em algumas situações, adquirindo valor superlativo. Na passagem *cantando baixinho*, por exemplo, o diminutivo intensifica o modo como a locutora cantava para uma criança que não conseguia dormir;

Em contrapartida, os termos destacados nas passagens “Viu quando fecharam a janela. Imaginou Bibiana despir-se, a tirar o *corpinho*, a saia... (p. 201)” e “Se aquele fosse um dia como os outros e ele envergasse sua roupa preta domingueira e tivesse o pescoço entalado num *colarinho* duro... (p. 606)” são classificados pela pesquisadora como “diminutivos formais”, ou seja, são palavras que, embora sejam formadas por sufixos diminutivos, não possuem nenhuma relação com a ideia de tamanho e com nenhum dos possíveis valores significativos decorrentes do acréscimo do sufixo *inho* e suas formas variantes. Dito de outro modo, a palavra *corpinho* (sinônimo de corpete), por exemplo, não significa um corpo pequeno, afetuoso ou pejorativo.

Logo, pode-se dizer que esse tipo de palavra possui significações próprias

Em linhas gerais, os exemplos mencionados atestam a versatilidade que o sufixo diminutivo em questão possui na língua portuguesa, o qual é capaz de transmitir variadas noções, desde tamanho e afeto, até mesmo desprezo. Essa multiplicidade de significações, ao mesmo tempo em que enriquece a língua, também pode resultar em interpretações errôneas, gerando conflitos e desentendimentos. Um exemplo disso pode ser observado em uma das entrevistas do programa CQC (Custe o Que Custar), transmitindo entre os anos de 2008 e 2015 pela rede de televisão Bandeirantes. Nessa entrevista<sup>1</sup>, a qual foi ao ar no dia 12 de maio de 2008, o repórter Felipe Andreoli estava em uma festa, no Rio de Janeiro, acompanhando o lançamento do livro *Cozinha das Estrelas*, cuja autora é a apresentadora Angélica. Durante a entrevista, o repórter perguntou à autora o que ela acharia se alguém lhe disse que seu livro estava bem feitinho, conforme pode ser visualizado nas passagens<sup>2</sup> a seguir:

**Repórter** – *Angélica a única pergunta que a gente esqueceu senão meu chefe me mata... Angélica... se alguém virasse pra você e falasse que seu livro tá bem feitinho...seria um elogio...uma crítica...o que seria bem feitinho?*

**Angélica** – *Ah...bem feitinho ((expressão de desprezo)) eu não ia gostar muito não, cara...bem feiTINHO?...é um feio arrumadinho ((surge no vídeo uma animação de Luciano Huck vestido com um smoking, como referência à feio arrumadinho)) né?*

**Repórter** – *((se dirigindo à câmera)) exatamente...concordo plenamente com o que a Angélica disse, é isso aí.*

Antes de entrevistar Angélica, em outra ocasião, esse mesmo repórter havia conversado com o seu marido, também apresentador, Luciano Huck, o qual havia classificado um dos episódios do programa CQC como *bem feitinho*. Durante a entrevista em questão, ao entrevistar Huck, enquanto esse prestigiava a solenidade de lançamento do livro escrito por sua esposa, o repórter retoma o comentário feito por Huck e o vídeo anterior é reapresentado aos telespectadores. O fato é que toda essa polêmica foi gerada a partir de um simples comentário feito pelo apresentador, o que gerou

desconforto, a ponto de o repórter resgatar tal comentário e reaplicá-lo à Angélica, quem, por sua vez, concorda que esse tipo de comentário não é nada agradável (ela até faz uma analogia à expressão “*bonitinho é um feio arrumadinho*”, difundida pelo famoso jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho).

Enfim, existem inúmeros exemplos como esse, o que vem ao encontro da hipótese defendida neste estudo em relação às múltiplas significações que o diminutivo pode atribuir a certas palavras.

### 2.3. Teoria da Argumentação na Língua (TAL): conceitos-chave

De modo geral, pode-se dizer que a Teoria da Argumentação da Língua teve início na França, nos anos 80, a partir de postulações propostas por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre (CABRAL, 2011). Trata-se de uma teoria estruturalista que tem como base, com algumas ressalvas, os princípios de signo, de relação, de língua e fala propostos pelo linguista e filósofo suíço Ferdinand Saussure (1916), comumente conhecido como o fundador da Linguística. Dentre esses princípios, destaca-se, especialmente, o signo, o qual é considerado pela TAL como uma entidade abstrata, constituída a partir de sua relação com outros signos.

Assim como proposto nos 80, a argumentação segue voltada à abordagem linguística, ou seja, trata-se de uma argumentação linguística, a qual só pode ser consolidada por meio da língua, por ela e através dela. Em estudos mais recentes, Ducrot e Carel (2008, p. 9) sustentam que o significado “não pode consistir nem em coisas (ou propriedades das coisas), nem em ideias (conceitos, representações mentais)”. Por conseguinte, o significado é tomado como o “valor” do signo, uma vez que “o valor de uma entidade é um conjunto de relações entre entidades que lhe são homogêneas, como um conjunto de relações entre signos” (*ibid*). Isso significa dizer que todo significado é atravessado pelas relações entre signos, denominados como “encadeamentos

argumentativos” ou “argumentações”, conforme será discutido na próxima seção.

Do mesmo modo como o signo, a *frase* também é vista como uma entidade abstrata e dotada de significação, constituída a partir de um conjunto de instruções abertas, dependentes do enunciado para chegar ao sentido (DELANOY, 2008). Logo, o *enunciado* é a concretização da frase, cujo valor semântico é efetivado por meio do sentido. Enquanto isso, o *discurso* é compreendido como um conjunto de enunciados articulados, o que lhe confere maior complexidade.

De acordo com a TAL, todo *sentido* é argumentativo e construído *na* e *pela* língua, efetivando-se por meio do uso que o locutor faz dessa língua, o que resulta na produção de enunciados voltados a um determinado interlocutor/alocutário. Dito de outra maneira, a frase necessita do uso para que o seu sentido seja completado, já que “é no uso da língua que os falantes encontram o sentido do enunciado” (DELANOY, 2008, p. 27).

Quantos aos seres discursivos *locutor* e *interlocutor*, o primeiro pode ser considerado como o ser responsável pelo enunciado e também quem assume o *eu* do discurso, colocando-se ao lado das marcas discursivas *aqui* e *agora*. O *interlocutor*, por sua vez, é o destinatário do enunciado, conforme mencionado. Cabe salientar que ambos não devem ser confundidos com sujeitos empíricos, ou seja, com seres reais, portadores de RG e CPF. Na verdade, “o que importa semanticamente não é a identidade individual dos enunciadores [...] mas o modo particular pelo qual eles preenchem o papel geral que lhes é conferido” (DUCROT; CAREL, 2010, p. 19).

Conforme a perspectiva defendida pela TAL, *argumentar* significa expor um ponto de vista para um interlocutor, cujo caráter é subjetivo, visto que todo ponto de vista traz consigo uma visão de mundo. Por conseguinte, Ducrot rejeita a noção de objetividade da língua, conceito comumente defendido pelas vertentes tradicionais de descrição semântica da língua. De modo geral, os estudos realizados pelo referido pesquisador têm evidenciado que um único fato pode ser expresso por meio de distintos

enunciados, o que, por consequência, pode levar a diferentes argumentações (DELANOY, 2008, p. 28). Seguindo nessa linha de raciocínio, Ducrot cita como exemplo os enunciados “João estudou *pouco*” e “João estudou *um pouco*”. Como é possível observar, em ambos os casos, tem-se em comum o fato de que João estudou por um determinado tempo. Por outro lado, os referidos enunciados divergem quanto às suas possíveis orientações discursivas, possibilitando, assim, diferentes conclusões. Em síntese, exemplos como esses evidenciam que a argumentação não está no conteúdo factual, mas sim na língua.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a Teoria da Argumentação na Língua é constituída por três fases, a saber: 1ª fase, conhecida como “*Forma standard*” (1983); 2ª fase, período que abrange “*Os topoi*” e a “*Teoria Polifônica da Enunciação*” (1988) e, a 3ª fase, intitulada como Teoria dos Blocos Semânticos (TBS, 1992), cuja perspectiva segue sendo utilizada nos dias atuais, recebendo apenas “revisões” dos principais propositores, conforme será descrito na sequência.

### 2.3.1. Teoria dos Blocos Semânticos (TBS): breves considerações

A terceira e atual fase da TAL vem sendo desenvolvida desde 1992, a qual teve início com os estudos realizados por Marion Carel, em sua tese de doutorado, orientada por Oswald Ducrot. Nessa perspectiva, o *sentido* passa a ser concebido em relação aos discursos que uma dada expressão é capaz de evocar. Já os *discursos*, esses recebem a denominação de *encadeamentos argumentativos*, os quais são constituídos por dois segmentos ligados por um conector, representados sob a forma X CON Y, ou, ainda, A (suporte) CON B (aporte). Em enunciados como “Está calor, vamos passear” e “Está calor, vamos ficar em casa”, por exemplo, é possível perceber que o sentido de *calor* é distinto, o que suscita diferentes argumentações e continuações, posto que o calor pode tanto ser um motivo para passear, como uma razão para permanecer em casa. Por meio dessas ilustrações, também pode-se

observar que o sentido resulta da interdependência entre os dois segmentos apresentados, o qual é chamado de *Bloco Semântico* (doravante BS).

No que tange aos conectores, esses podem ser de dois tipos, a saber: *donc* (abreviado como DC – equivalente a *portanto*) e *pourtant* (abreviado como PT – equivalente a *no entanto*). No primeiro caso, tem-se a formação de um *encadeamento normativo*, ao passo que o segundo constitui um *encadeamento transgressivo*. Desse modo, o BS que articula o suporte A “está calor” e o aporte B “vamos passear” pode ser representado tanto pelo encadeamento normativo “está calor, *portanto* (DC) vamos passear”, como também pelo encadeamento transgressivo “está calor, *no entanto não* (PT-neg) vamos passear”, esse último marcado pela negação. Esses encadeamentos constituem uma das grandes hipóteses da TBS, a qual considerada que todo enunciado pode ser parafraseado por um encadeamento normativo ou transgressivo.

É importante notar ressaltar que os aspectos argumentativos descrevem não só a significação dos enunciados, mas também a significação de palavras. Assim a ANL/TBS pode ser uma ferramenta útil para a análise discursiva, incluindo o estudo do léxico, como é o caso deste trabalho.

Em resumo, assim como na TAL, na Teoria dos Blocos semânticos os autores também sustentam que a argumentação está na língua e não no mundo no empírico. Segundo os preceitos basilares da TBS, a argumentação é, por definição, uma sequência de dois enunciados ligados por um conector. Em linhas gerais, a argumentação é constituída por marcas linguísticas deixadas pelo locutor, em seu discurso, sempre que esse se dirige a um interlocutor/alocutário, o que resulta no processo de enunciação. O enunciador, por sua vez, apenas “introduz esses encadeamentos no universo de discurso: ele é, em relação a esse universo, a fonte desses encadeamentos” (DUCROT; CAREL, 2008, p. 10). O interlocutor/alocutário, por fim, “tem a tarefa de reconstruir o sentido a partir do que está expresso no discurso” (DELANOY, 2008, p. 28).



### 3 Procedimentos metodológicos

Tendo em vista os objetivos deste estudo, escolheram-se cinco enunciados da crônica *Diminutivo* (Anexo), de Luís Fernando Veríssimo (1994), para compor o *corpus* de análise. Assim sendo, com base nesses cinco enunciados, na próxima seção, serão analisadas as possíveis significações que certas palavras, formadas a partir do acréscimo do sufixo *inho* e suas formas variantes, podem receber de acordo com o contexto linguístico em que são empregadas. Logo, se observará como o locutor constrói a sua argumentação e como essa pode ser representada por meio de diferentes encadeamentos argumentativos. Para finalizar, na última seção, serão apresentadas algumas considerações em torno dos tópicos abordados neste trabalho.

### 4 Da teoria à prática: análise e discussões

Conforme mencionado, foram selecionados cinco enunciados da crônica *Diminutivo*, escrita pelo autor gaúcho Luís Fernando Veríssimo e originalmente publicada no ano de 1994. Nessa crônica, é possível observar o modo como o locutor vai delineando seu texto em direção ao que ponto de vista que ele pretende expor, ou seja, Veríssimo se vale de algumas estratégias não apenas para defender seu ponto de vista, mas, sobretudo, para direcionar o interlocutor/alocutário a chegar a determinadas conclusões, imprimindo, dessa maneira, sua marca no texto criado.

De maneira geral, pode-se dizer que o texto em questão foi selecionado em razão de a argumentação do locutor estar pautada nas várias possibilidades de uso do diminutivo, o que vem diretamente ao encontro dos objetivos e do foco deste estudo. Em poucas palavras, nessa crônica, o locutor propõe algumas reflexões sobre o que ele chama de “mania” que o brasileiro tem de “reduzir tudo à mínima dimensão, seja um *cafezinho* ou um *cineminha*” (VERÍSSIMO, 1994), em comparação ao modo como outros países fazem uso desse recurso. Nesse texto, o referido locutor procura demonstrar

que o diminutivo pode ser utilizado tanto para transmitir afeto, como também uma forma de precaução, podendo ainda receber um valor pejorativo ou disfarçar entusiasmo por grandes porções, como se verá adiante.

Levando em consideração essas questões, na sequência, serão transcritos os enunciados selecionados, bem como seus possíveis encadeamentos argumentativos. Os primeiros dois enunciados serão apresentados e analisados concomitantemente, uma vez que ambos possuem uma relação de complementaridade:

**Enunciado 1:** *Se alguém diz, por exemplo, “Ô vidinha”, você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias.*

**Enunciado 2:** *(...) Mas se disser “Ah vidinha...” o coitado está se queixando dela, e com toda a razão. Há anos que o seu único divertimento é tirar sapatos e fazer xixi.*

Como é possível observar, esses enunciados revelam que o sufixo, além de não expressar valor dimensional (vida pequena), também pode assumir diferentes sentidos de acordo com a entoação do locutor e com o uso de interjeições como “Ô” e “Ah”, conforme o próprio locutor destaca ao afirmar que “só o que varia é a inflexão da voz” (1994). Logo, com base no que está expresso nos enunciados acima, os encadeamentos que condensam esses sentidos são, respectivamente:

**DIZER “Ô VIDINHA” DC TER UMA VIDA COM TODAS AS MORDOMIAS**

**DIZER “AH VIDINHA...” DC SE QUEIXAR DELA POR NÃO TER DIVERTIMENTOS**

Nesse caso, ambos os encadeamentos conferem ao vocábulo “vidinha” um valor de qualidade (PRADE, 2013), podendo ser representada tanto pelo aspecto “ter *status*”, quanto pela falta (“sem *status*”). Em linhas gerais, os dois aspectos estão relacionados ao fato de um sujeito ser provido ou desprovido de dinheiro, o que lhe permite ou lhe impossibilita ter uma vida repleta de mordomias e divertimentos. Cabe destacar ainda que as interjeições empregadas também contribuem para que se chegue a tais



conclusões, recursos esses utilizados propositalmente pelo locutor, a fim de orientar discursivamente o seu interlocutor/alocutário.

Os próximos enunciados também serão apresentados juntos, pela mesma razão apresentada anteriormente:

**Enunciado 3:** *"Operação", por exemplo. É uma palavra assustadora. (...) Uma operação certamente durará horas e os resultados são incertos. Suas chances de sobreviver a uma operação... sei não. Melhor se preparar para o pior.*

**Enunciado 4:** *Já uma operaçãozinha é uma mera formalidade. (...) Uma coisa tão banal que quase dispensa a presença do paciente.*

Nesses enunciados, percebe-se, novamente, um jogo de palavras, por meio do qual o locutor se vale para sustentar seu ponto de vista. Do mesmo modo que nos enunciados anteriores, o diminutivo também é utilizado com outra finalidade que não apenas transmitir a ideia de "pequenez". Nesse caso, o sufixo *inha* atenua tudo aquilo que circunda a palavra "operação", diminuindo, assim, a sua "gravidade". Esse uso se assemelha àquilo que Ducrot (2002) chama de modificadores, quando a combinação de signos em uma expressão XY resulta na diminuição da força argumentativa de X. Em geral, essa diminuição da força argumentativa está muito mais ligada ao efeito psicológico (acalmar os pacientes e familiares) do que ao procedimento cirúrgico em si, constituindo, segundo a visão de Prade (2013) a *função intensificadora*. Portanto, os encadeamentos que resumem os enunciados acima são:

<b>FAZER UMA "OPERAÇÃO" <u>DC</u> TER POUCAS CHANCES DE SOBREVIVER</b>
<b>FAZER UMA "OPERAÇÃOZINHA" <u>DC</u> TER GRANDES CHANCES DE SOBREVIVER.</b>

Tendo em vista que o que está em pauta é a complexidade do procedimento cirúrgico (o que será feito, quanto tempo demorará, etc.), pode-se dizer que, inserido nesse contexto, o termo empregado possui uma relação direta com as chances que um

paciente tem de sobreviver após passar por uma "operação" ou por uma "operaçãozinha", chances essas que podem oscilar de acordo com o termo empregado, como o próprio locutor sugere em seu texto. Logo, quando se opta pelo vocábulo "operaçãozinha", pressupõem-se que as chances de um paciente sobreviver é muito maior do que aquele que será submetido a uma "operação", ainda que essa última seja mais simples do que a primeira. Os aspectos argumentativos que são evocados exprimem essa oposição semântica entre os termos "operação" e "operaçãozinha", o que pode ser justificado pelo fato de o primeiro aspecto pertencer ao BS1 - A DC neg B e o segundo aspecto pertencer ao BS2 – A DC B.

A seguir, será apresentado o quinto e último enunciado selecionado. É importante salientar que, neste caso em específico, não se faz necessário mencionar outras passagens do texto, visto que o enunciado 5, por si só, possui todas as informações necessárias para a sua análise.

**Enunciado 5:** *Você pode passar horas tomando "cervejinha" em cima de "cervejinha" sem nenhum dos efeitos que sofreria depois de apenas duas cervejas.*

Diferentemente dos demais, nesse enunciado, o uso do diminutivo pode tanto abrandar a quantidade de "cervejas" consumidas, como também assumir um valor qualitativo (PRADE, 2013), mais ligado ao prazer de beber uma "cervejinha" após um dia cansativo e de muito trabalho, por exemplo, o que amplia ainda mais as possibilidades interpretativas. Ademais, pode-se dizer que a argumentação se estrutura de uma maneira diferente em comparação aos demais enunciados, conforme representado pelos seguintes encadeamentos:

<b>PASSAR HORAS TOMANDO "CERVEJINHAS" <u>PT NEG</u> FICAR EMBRIAGADO</b>
<b>BEBER DUAS "CERVEJAS" <u>DC</u> FICAR EMBRIAGADO</b>

Diferentemente dos demais, nesse enunciado, o uso do diminutivo pode tanto abrandar a quantidade de "cervejas" consumidas, como também assumir um

valor qualitativo (PRADE, 2013), mais ligado ao prazer de beber uma “cervejinha” após um dia cansativo e de muito trabalho, por exemplo, o que amplia ainda mais as possibilidades interpretativas. Ademais, pode-se dizer que a argumentação se estrutura de uma maneira diferente em comparação aos demais enunciados, conforme representado pelos seguintes encadeamentos:

<b>PASSAR HORAS TOMANDO “CERVEJINHAS” <u>PT NEG</u> FICAR EMBRIAGADO</b>
<b>BEBER DUAS “CERVEJAS” <u>DC</u> FICAR EMBRIAGADO</b>

Vale destacar que, nos casos anteriores, os encadeamentos discursivos apresentados eram apenas normativos, ou seja, todos eram ligados somente pelo conector *portanto*. Porém, em se tratando do enunciado 5, observa-se o uso de um encadeamento transgressivo, isto é, um enunciado formado por um conector (*no entanto*), seguido da negação (*Neg*), o que descontrói a expectativa criada pelo interlocutor.

Em síntese, independentemente do formato do encadeamento, sempre que se atribui um significado a uma dada expressão, também lhes são associadas “diferentes argumentações”, as quais “são evocadas por seu emprego” (DUCROT; CAREL, 2008, p. 10). Isso significa dizer que não existe vocábulo “neutro”, desprovido de intenções e de ideologias, uma vez que sempre que se produz um enunciado, o locutor, inevitavelmente, imprimirá suas marcas nele. Essas marcas, por sua vez, além de informar sobre o ponto de vista defendido pelo locutor, também direcionam os interlocutores/alocutários a chegar a determinadas conclusões. Seguindo nessa linha de raciocínio, na próxima seção, serão apresentadas algumas considerações acerca dos tópicos abordados ao longo deste trabalho.

## 5 Considerações finais

Conforme apresentado, com base nos preceitos advindos da Linguística Formal e, principalmente, da Teoria dos Blocos Semânticos, este estudo teve como intuito analisar como se

estruturam os argumentos presentes na crônica *Diminutivo*, levando em consideração os possíveis sentidos que algumas palavras, formadas a partir do acréscimo do sufixo *inho* e suas formas variantes, são capazes de suscitar, resultando em diferentes orientações discursivas, o que, por consequência, abre espaço para distintas interpretações. Tais sentidos, por sua vez, foram representados a partir de possíveis encadeamentos discursivos.

Quanto aos enunciados selecionados, pode-se dizer que esses foram capazes de demonstrar que o diminutivo *inho* e suas formas variantes podem transmitir muito mais do que apenas a ideia de tamanho, extrapolando, assim, os limites instituídos pela gramática normativa. Para tanto, essa multiplicidade de usos, sentidos e interpretações só pode ser observada quando se leva em consideração a língua em uso, o que justifica a importância de se trabalhar com enunciados e discursos, ao invés de frases isoladas ou criadas apenas com a finalidade de serem tomadas como objeto de estudo. Isso decorre do fato de que “a determinação das significações linguísticas só é, portanto, possível pela consideração sistemática do discurso: é no discurso que estão situados os encadeamentos argumentativos que a língua reúne nas suas significações” (DUCROT; CAREL, 2008, p. 18).

Em se tratando da língua portuguesa, como essa dispõe de mais vinte morfemas sufixais diminutivos, isso acaba possibilitando inúmeras aplicações, o que, conseqüentemente, resulta em múltiplas significações. Sendo assim, essa multiplicidade de significações, ao mesmo tempo em que enriquece a língua, também pode promover interpretações errôneas, gerando conflitos e desentendimentos, conforme abordado ao longo deste trabalho. Essas possibilidades comprovam que a argumentação não está no conteúdo factual, mas sim na língua, essa que, por sua vez, só existe a partir do uso que se faz dela.

## Referências

- CABRAL, A. L. *Contribuições da Teoria da Argumentação na língua para o ensino de leitura*. Linha D'Água, 24(2), 2011, p. 205-215.
- CAREL, M.; DUCROT, O. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- DA CRUZ, G. F. A. A aplicação da Teoria da Argumentação na Língua no ensino de Língua Portuguesa. In: *Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso* (SITED), setembro de 2010, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Anais. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/GabrielaFontanaAbsdaCruz.pdf>> Acesso em 02/04/2018.
- DELANOY, C. P. O papel do leitor pela Teoria da Argumentação na Língua. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, jan./mar. 2008, p. 27-32.
- DUCROT, O. Conferências 1, 2, 3 e 4. In: CAREL, M.; DUCROT, O. *La Semántica Argumentativa*. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- DUCROT, O.; CAREL, M. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 1, 2008, p. 7-18.
- HAGEN, V.; MIRANDA, L.; MOTA, M. Consciência morfológica: um panorama da produção científica em línguas alfabéticas. *Psicologia: Teoria e Prática*, vol. 12, nº 3, p. 135-148, 2010. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1516-36872010000300011>> Acesso em 09/12/2018.
- GONÇALVES, C. A. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GUIMARÃES, S.; PAULA, F.; MOTA, M.; BARBOSA, V. Consciência morfológica: que papel exerce no desempenho ortográfico e na compreensão de leitura?. *Psicologia USP*, vol. 25, n.2, 2014, p.201-212. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n2/0103-6564-pusp-25-02-0201.pdf>> Acesso em 09/02/2019.
- MACHADO, J. C. A Teoria dos Blocos Semânticos em revisão. *Revista de Estudos da Linguagem*. V. 25, n. 4, p. 1935-1964, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10477>>. Acesso em 08/02/2019.
- NIEDERAUER, C. Uma proposta semântico-argumentativa para o desenvolvimento de habilidades de compreensão leitora. *Revista Antares*, vol. 8, nº 15, 2016, p. 66-82.
- PRADE, H. G. Análise contrastiva: a derivação sufixal na língua portuguesa e sua tradução para o inglês e o alemão. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras: Universidade Federal de Santa Maria*, n. 2, 2013, p. 84-95. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11415/6890>>. Acesso em: 06/02/2019.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SCHWINDT, L. C. *Manual de linguística: fonologia, morfologia e sintaxe*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- SOARES, M. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.
- SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de.; KOCH, I. V. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo: Cortez, 2012.
- VERÍSSIMO, É. *O Tempo e o Vento. O Continente*. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.
- VERÍSSIMO, L. F. Diminutivos. In: VERÍSSIMO, L. F. (Org.). *Comédia da vida privada*. 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: LP&M, 1994.

## COMO CITAR ESSE ARTIGO

SOARES DA SILVA, Fabiana; DALL' CORTIVO DEBLER, Cristiane. O uso do diminutivo inho e suas possíveis significações pelo viés da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) e da Linguística Formal. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 45, n. 82, jan. 2020. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/14265>>. Acesso em: \_\_\_\_\_ . doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v45i82.14265>.